

Apresentação

1. As tentativas de lidar com a prolongada crise brasileira admitem diferentes recortes temporais. Se a observarmos em perspectiva de curto prazo aparecem os elementos óbvios, aqueles que ocupam o noticiário dos jornais: desemprego, violência, instituições enfraquecidas, polarização paralisante, desmoralização da coisa pública.

Esse recorte predomina amplamente entre jornalistas, que cobrem o cotidiano da vida nacional, e políticos, cuja visão se esgota no horizonte das eleições que ocorrem de dois em dois anos. Vista assim, como uma sucessão de iniciativas de curto prazo, nossa crise não pode encontrar solução. A frenética agitação da política de cada dia é apenas uma fuga para frente. O país está em voo cego. Não sabe onde quer chegar.

2. A crise contém uma segunda dimensão temporal. Nela aparece o esgotamento da matriz política e institucional que construímos logo depois do regime militar.

Renovaram-se, então, as instituições estatais e da sociedade civil, inaugurando-se a chamada Nova República. Ela foi formatada na Constituição de 1988, em cujos moldes a sociedade brasileira passou a administrar seus conflitos e construir seus destinos.

Mas essas instituições, com só trinta anos, envelheceram. Já não dão conta da sociedade atual, com seus novos atores. O arranjo inaugurado na década de 1980 não organiza mais o nosso futuro. Terminou um ciclo médio da vida política brasileira.

3. Há outra dimensão temporal, ainda mais dilatada. Durante boa parte da nossa história, fomos uma nação que “não daria certo” – tropical, miscigenada, tardiamente escravista, primário-exportadora –, destinada a permanecer em uma posição muito periférica no sistema-mundo.

O reconhecimento do potencial brasileiro foi uma conquista recente, do século XX, quando experimentamos grandes transformações estruturais, políticas, sociológicas e culturais. Entrou em nosso horizonte a ideia de um projeto nacional. Ele nos remete à dimensão menos visível e mais decisiva, a dimensão do longo prazo.

Esses três recortes temporais se misturam nas maneiras como a crise brasileira evolui.

4. Para sair da nossa posição “natural”, na extrema periferia, precisamos realizar um gigantesco esforço. O projeto nacional nada mais é do que um conjunto de ideias e estratégias que, sustentadas no tempo, organizam e impulsionam esse esforço. Chegamos a ensaiá-lo no século XX, insuficientemente, mas tropeçamos.

Nas últimas décadas, a viabilidade – e, quem sabe, a própria existência – do Brasil tem ficado cada vez mais em xeque. Como diz o primeiro ensaio deste livro, perdemos até mesmo a “ideia de Brasil”. Na economia, não desenvolvemos nem atividades de alta tecnologia e nem mesmo manufaturas, retornando gradativamente a uma posição primário-exportadora. De nós, o mundo quer apenas soja e outros alimentos, minério de ferro e outros minerais, petróleo bruto e boas oportunidades de acumulação financeira.

Tendo perdido a capacidade de realizar o esforço endógeno necessário para redefinir a nossa posição, fomos levados de novo a esse nosso “lugar natural”. Retornamos a uma configuração econômica que lembra a da República Velha, com a diferença de que agora temos 210 milhões de habitantes, quase todos urbanizados, a metade deles em grandes cidades. Não vai dar certo.

Ou reinventamos um projeto nacional que sirva de bússola para reorganizar a sociedade ou a crise se prolongará até a inviabilização do país, imerso em uma barbárie cotidiana crescente e sem fim. O tempo está contra nós.

Nos últimos anos tenho experimentado intensamente essa angústia.

5. Vivendo em uma espécie de limbo, só escrevo quando sou demandado. A vida me impediu de seguir uma trajetória escolar razoavelmente normal, forçando-me a me tornar um autodidata desde o fim do curso de primeiro grau – na clandestinidade, na prisão, no exílio, no retorno ao Brasil, na militância de sempre. Os intelectuais me consideram um militante e os militantes me consideram um intelectual. Não tenho vida acadêmica. Tornei-me, casualmente, um editor.

Este livro apresenta uma pequena seleção do que produzi, aos trancos e barrancos, nos últimos anos. Elaborados isoladamente, com alguns anos de distância, textos e intervenções orais formam um quebra-cabeças que busca encontrar um futuro para o Brasil. Reuni cinco ensaios sobre temas gerais, cinco artigos sobre assuntos específicos, dezesseis artigos menores, publicados em jornais, quatro transcrições de falas improvisadas e o balanço de uma experiência político-administrativa. O que os unifica é a tentativa de compreender os desafios do Brasil contemporâneo. Mesmo os artigos que tratam de temas mais gerais convergem para esta preocupação.

Explícita ou implicitamente, os textos contêm um sentido generoso e propositivo, buscando uma aproximação amorosa com o nosso país. Nunca adotei pontos de vista negativistas, meramente críticos, pois não confundo radicalidade com sectarismo. Detesto jargões. Não sigo manadas. Procuo pensar sem preconceitos. Durante toda a vida permaneci fiel a valores.

Tudo o que desejo é colaborar para que o Brasil desabroche o seu potencial humano e encontre o seu melhor destino. Este livro é parte dessa caminhada.

CÉSAR BENJAMIN
Rio de Janeiro, outubro de 2019